

Análise epidemiológica dos casos de sífilis congênita no estado do Rio Grande do Sul e sua associação com a realização do pré-natal e tratamento do parceiro

Marina Balod Strassacappa¹; Amanda Alves Luft¹; Julia Paulon Puerari¹; Eduardo Sartori Parise¹; Izadora Meira Rogério¹; Bianca dos Santos Silva¹; Jordana Luiza Bender Silva¹; Marina Marques Monteiro¹; Ana Júlia Venâncio¹.

¹Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA).

Palavras-chave: Sífilis congênita; Epidemiologia; Pré-natal.

INTRODUÇÃO

A sífilis congênita, caracterizada pela sua transmissão vertical, ocorre quando o tratamento da gestante é inadequado ou inexistente. Em 2022, no Rio Grande do Sul, a taxa de incidência foi de 15,9. Deste modo, nota-se a relevância do tema.

OBJETIVOS

Avaliar o impacto da realização de exame pré-natal nos casos de sífilis congênita no Rio Grande do Sul de 2011 a 2021.

METODOLOGIA

Foram coletados dados epidemiológicos por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde, abrangendo o período de 2011 até 2021. O estudo englobou dados de casos confirmados de sífilis congênita por “sífilis materna”, “realizou pré-natal” e “tratamento do parceiro” segundo o ano do diagnóstico, que foram notificados no Sinan no Rio Grande do Sul.

RESULTADOS

De 2011 a 2021, houve 15.473 casos diagnosticados de sífilis congênita no Rio Grande do Sul. Desses, em 12.415 dos casos, que representam 80,2%, as gestantes realizaram o pré-natal. O diagnóstico da sífilis materna somente no momento do parto, ou após o parto, se deu em 4.477 mulheres. Essas tiveram os filhos diagnosticados com sífilis congênita, correspondendo a 28,9% dos casos totais. Quanto à quantidade de gestantes que foram diagnosticadas ainda durante o pré-natal, cujos filhos tiveram sífilis congênita, tem-se 10.023 (64,7%). Portanto, 80,7% das gestantes que realizaram pré-natal e os filhos tiveram sífilis congênita, foram diagnosticadas com sífilis ainda durante a gestação. Nesse contexto, pode-se atribuir como uma das possíveis causas para a falha do tratamento da sífilis materna, mesmo com a realização do pré-natal, o não tratamento do parceiro da gestante, confirmadamente ausente em 7.442 casos (48%). Isso contribuiu para os casos de sífilis congênita.

CONCLUSÃO

Dessa forma, por meio da análise dos dados do estado do Rio Grande do Sul, entende-se a importância da realização do pré-natal para a identificação dos casos de sífilis materna e início do tratamento da gestante, de modo a minimizar os casos de sífilis congênita, em especial com o tratamento concomitante do parceiro da gestante.